Transmissão do conhecimento

Da Kabbalah

יחרח

 De acordo com a lenda, a origem do conhecimento de Enoc deu-se no momento em que ele foi ordenado por Deus. Tendo conseguido por seu próprio esforço desenvolver o corpo, a alma e o espírito, Enoc mereceu a Graça que lhe foi concedida pelo Divino. O antigo texto descreve como o arcanjo Gabriel o conduziu para cima, através das hostes angélicas, e o colocou diante do Divino. Tombou Enoc sobre a sua própria face, em temor, mas foi levantado por Miguel, o grande Sacerdote do Céu, enquanto o Santo dizia: “Enoc, não tenha medo! Levanta e fica de pé diante da Minha Face para sempre”. Ele estava despojado de sua “vestimenta” terrena, ungido com óleo sagrado e vestido com um traje celestial, e parou de tremer enquanto se tornava uno ao Mundo Espiritual em volta dele. Foi então instruído a escrever tudo o que o arcanjo de Sabedoria leria para ele, e isto, nos disseram, durou trinta dias e trinta noites. No final, sabia tudo o que fosse próprio para ser transmitido sobre o Céu, a Terra, os anjos e os homens. Depois, foi introduzido pelo Santo aos segredos acerca de todos aqueles assuntos que nem mesmo os arcanjos conheciam. A lenda sugere que esses segredos revelariam o modo como a Criação foi realizada, o propósito do mal, quanto tempo o Universo existirá e qual será o seu fim.

 Esta ordenação foi a primeira, e esta é a razão pela qual Enoc carrega o nome de “o Iniciado”. Assim começou a cadeia de transmissão que levaria o Ensinamento a todas as gerações. Enoc foi excepcional por tornar-se o primeiro humano completamente realizado, e parece correto ter sido ele ordenado diretamente pelo Divino, pois não havia outro Ser em existência que pudesse efetuar a operação. Muito mais tarde, temos a iniciação de Abraão por Melchizedek, cuja tradição também se iguala à de Shem, o filho mais velho de Noé, o mesmo iniciado que preservou o Ensinamento no desastre da enchente. De acordo com outra tradição, a caverna chamada Shem va Ever, na cidade kabbalística de Safed, é o lugar onde Shem, em época posterior, ensinou o Torah a Jacob, depois que este havia fugido de casa. Jacob, por sua vez, transmitiu o conhecimento a José, seu filho mais talentoso, para simbolizar como o mais capaz, e não necessariamente o mais velho, recebe a Benção para continuar a linha. Quando José morreu, Levi, seu irmão, teve uma visão e recebeu o Barakah de seu avô, Isaac, de acordo com seu testamento. Diz ainda o folclore que a Linha de transmissão quase desapareceu quando os israelitas foram escravizados no Egito. Apenas a tribo de Levi mantinha uma vaga semelhança à Tradição e Moisés, membro desta família, foi o escolhido para receber a conexão. Foi ordenado diretamente por Deus na Montanha Sagrada, onde recebeu instrução detalhada sobre a natureza do mundo, o propósito dos seres humanos e seu relacionamento com Deus. Narrações legendárias sobre esta ascensão do Monte Sinai são muito semelhante às histórias da iniciação de Enoc, e a Tradição acrescenta que o anjo do Senhor enviado como guia dos Filhos de Israel no deserto era, na verdade, Metraton, o que subira aos Céus sem morrer, Enoc. Assim, a Linha foi restabelecida e materializada na ordenação, como Alto Sacerdote, do irmão de Moisés, Aarão.

 O clero preservava a forma externa do Ensinamento, enquanto Moisés e os anciãos estudavam o conteúdo interno. Outra vez o simbolismo da Bíblia e suas lendas nos dizem algo sobre a natureza e função das escolas, pois umas trabalham com ritual e oração, outras com contemplação refletiva. Além disso, o símbolo dos anciãos indica que um certo nível de maturidade deve ser atingido para ser capaz de estudar o aspecto esotérico da Torah. A vantagem de um mestre ordenado para conduzir alguém pelas dificuldades do Caminho está bem ilustrada na jornada dos israelitas fugindo do Egito, pelo deserto do Sinai, até a Terra Prometida. Os Livros dos Juízes e o de Samuel, contudo, revelam muito sobre liderança e como não ser desencaminhado por pessoas detentoras de poder, como Sansão, o que é só uma fraqueza fatal, mas que os destrói; e como não se deve confiar em um rei egocêntrico, como Saul, que embora ungido deixou o Caminho e tornou-se propenso a acessos de loucura, como determinados líderes fazem quando se tornam enciumados de sua posição. Ordenação não significa que não se abuse do conhecimento espiritual. Tal ação anula qualquer tipo de Graça que possa haver pairado sobre essa pessoa. Por exemplo, será lembrado que o rei David, cujo nome significa “o Amado”, não obteve permissão para construir o Templo, devido às suas muitas imperfeições. Assim sendo, sempre devemos desconfiar dos mestres que, levando em conta as imperfeições humanas, não fazem o que dizem, a ponto desse fator corromper seu ensinamento.

 Os profetas eram uma Linha independente do clero, e o refreava quando periodicamente se tornava demasiado rígido na forma. Eram mestres que não surgiam de uma linha de continuidade pai-filho, ou professor-aluno, mas surgiam espontaneamente, quando havia necessidade. Eis o lado discreto da Tradição que quase nunca é visto, enquanto os ortodoxos mantêm o aspecto externo. Há muitos maggidim na Kabbalah que vêm, ninguém sabe de onde, para ensinar. Os eruditos acham difícil lidar com eles, pois há muito pouca evidência escrita de sua existência. Em muitos casos, os kabbalistas não sabem quem é o professor de seu professor, ou porque nunca conscientemente travaram conhecimento com ele, ou porque nenhuma conexão é feita em aberto por diversos motivos, que variam desde o social, político e profissional, a uma decisão de estabelecer uma organização independente, uma nova raiz, ou apenas ser discreto. Por exemplo, não existe evidência de nenhuma correspondência entre William Blake, o poeta místico, e qualquer erudito judeu, e ainda assim há um conhecimento interno da Kabbalah evidente em seu trabalho. A Kabbalah é como um iceberg, ou seja, a maior parte não está à vista.

 Como, então, o conhecimento é transmitido para um professor e para um grupo? A maneira mais perceptível é através das linhas de sucessão ortodoxas. É interessante notar aqui que no apogeu kabbalístico de Safed, uma tentativa de restabelecer e abrir uma Linha oficial de ordenação, interrompida com a destruição do Templo foi frustrada quando o chefe rabino de Jerusalém se recusou a reconhecer a autoridade da cerimônia. Não existe, assim, na Tradição Kabbalística, a sucessão nos moldes papais. O que acontece, na verdade, foi a transmissão do papel do tutor ao candidato mais capaz de cada grupo, embora ocasionalmente alguns estudantes julguem-se os transmissores do ensinamento de seus mestres. A qualidade de seu trabalho, contudo, revela em geral um nível menor de compreensão supersticiosa, ou uma pobre imitação que se origina de um desejo de desfrutar da glória refletida da reputação do professor. Com muita freqüência a pessoa que quer sobressair-se ao grupo é mandada embora algum tempo antes dos inevitáveis atritos ocorrerem. Desconfie de escolas que lutam somente pelo poder. Estes objetivos não fazem parte da Kabbalah, que se ocupa da integração em todos os níveis. Sua tarefa foi anulada, como às vezes acontece, ou concluída quando a Luz já se foi.

 Um verdadeiro professor surge de uma Linha ortodoxa ou do nada. Tal pessoa pode ter sido treinada em uma escola identificável e ter sido secretamente iniciada por um mestre pouco conhecido. Por causa disso algumas pessoas falam, ou não, detalhadamente sobre sua formação. Por outro lado, enquanto alguns preferem manter tais assuntos em segredo, outros os verão como uma maneira de demonstrar princípios operantes. Depende da época e do lugar, e também da maturidade dos estudantes envolvidos. A principal qualidade de um bom professor é a habilidade de ensinar o que um bom número de pessoas que pensam ter algo a transmitir não possui. Muitos ditos instrutores pensam que serem pouco conhecidos e misteriosos é o suficiente, mas o tempo logo revela a quem sabe discernir, que essas pessoas estão interessadas em poder ou estão desiludidas sobre sua própria capacidade. Existem muitos desses gurus, que atraem para si pessoas que desejam ser transportadas em uma nuvem de fantasia, evitando seus problemas terrenos ou pessoais.

 Um verdadeiro instrutor torna inteligíveis as operações dos mundos superiores e relaciona tudo à vista na Terra. Mesmo o kabbalista mais esotérico, quando fala sobre as operações do Céu ainda se refere ao modo pelo qual se torna prático tal conhecimento superior, pois de outro modo não haverá unificação dos mundos. Além disso, bons tutores do Caminho nunca fazem promessas que não poderão cumprir, ou levam um estudante ou grupo além de sua capacidade. Estas são as marcas registradas dos que sabem operar dentro dos limites das possibilidades, enquanto, ao mesmo tempo, estendem sempre as fronteiras do Saber e do Ser.

 Em última análise, não importa se um professor vem de uma Linha identificável, ou se simplesmente aparec sem nenhuma credencial. O que importa é possuir uma conexão com a Tradição. Isso significa que estão naquele ponto de desenvolvimento, onde têm um contato espiritual real. Pode ser em forma de um mentor terreno, ou de um relacionamento direto com algum supervisor celeste. É sabido, por exemplo, que certos estudantes com disposição psíquica sentem, e até mesmo vêem, uma figura luminosa ao lado do tutor durante a reunião. Este fenômeno não é fora do comum, pois qualquer pessoa que teve de ocupar a cadeira do tutor de um grupo, inevitavelmente possui um espírito-guia que zela sobre o progresso do Trabalho. Tal Ser pode ou não ser o mentor pessoal do professor. Existem muitos relatos dessas visões, que, contudo, não devem ser encaradas como conclusivas, não porque possam ser ilusões, mas porque sua presença apenas indica o interesse de cima. Um rabino observou: “Quando eu era jovem, enxergava anjos por toda a parte. Agora eu nem os noto”. Avalia-se o mérito do professor por seu desempenho pessoal.

 A ordenação é um processo interno. Pode ter uma contrapartida externa em algumas Linhas de uma determinada Tradição, mas estas podem tornar-se, com o tempo, apenas cerimônias vazias, conferindo uma posição específica dentro de um grupo, como já aconteceu dentro de algumas lojas maçônicas. A verdadeira condição é, em geral, precedida de uma série de análises mas estas são, com maior freqüência, da vida real, cercando e coagindo a pessoa no seu ponto fraco, em relação ao Trabalho e ao mundo. Apenas quando um candidato à iniciação prova se: merecedor de confiança, no que diz respeito à integridade, permite-se que ele entre na Tradição. Só quando aquele indivíduo mostrar profunda dedicação ao Trabalho, poderá transmitir o Ensinamento. Quando isto é concluído de maneira totalmente espontânea, as pessoas começam a se dirigir àquele indivíduo e a pedir para serem ensinadas. Um professor escolhido não necessita procurar alunos ou assumir um grupo ou escola que já exista, como alguns gurus ego-orientados tentam fazer. Não! A circunstância é, em geral, providencial, pois existem exploradores por perto que já estão prontos e necessitam do que aquela pessoa possa oferecer, mesmo que tenham apenas terminado o primeiro estágio de seu treinamento, porque nem todos os professores são mestres. Existe toda uma preparação de instrutores antes de se estar pronto para ser instruído por um Melkizedeck. Em Kabbalah, cada passo deve ser executado e experienciado. Assim, nenhum tutor pode se movimentar até que seu lugar tenha sido preenchido. Desta maneira, a Linha de transmissão é mantida, não só através dos tempos, mas também como uma série ininterrupta de níveis que alcançam desde a Terra até o Céu.